

Desafios do professorado ao guiar aprendizagens competitivas em saberes distintos à sua especialidade

Retos del profesorado al guiar aprendizajes competitivos en saberes distintos a su especialidad



Mayra Daniella Escobar Rivas
<https://orcid.org/0009-0006-1163-4190>
Santa Bárbara, estado de Barinas / Venezuela

Recebido: maio / 8 / 2025

Aceito: maio / 28 / 2025

Como citar: Escobar, R. M. D. (2025). Desafios do professorado ao guiar aprendizagens competitivas em saberes distintos à sua especialidade. *Revista Digital de Investigación y Postgrado*, 6(12), 195-203. <https://doi.org/10.59654/0yycs4z44>

* Doutorando em Educação, Mestre em Ciências da Educação com Menção em Docência Universitária, Universidad Nacional Experimental de los Llanos Occidentales Ezequiel Zamora, Venezuela. Especialista em Avaliação Educacional, Universidad Valle del Momboy, Venezuela. Docente Agregado na Universidad Nacional Experimental de los Llanos Occidentales Ezequiel Zamora Núcleo Santa Bárbara, vinculada ao Programa de Ciências da Educação e Humanidades da Vice-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Social, Venezuela. E-mail de contacto: mayradaniella.17@gmail.com



Resumo

Este ensaio examina os desafios enfrentados por docentes universitários ao lecionar disciplinas fora de sua especialização, defendendo uma abordagem por competências que promova pensamento crítico, autonomia e habilidades de resolução de problemas. Critica modelos tradicionais de ensino behavioristas por sufocarem a criatividade discente e propõe um framework transdisciplinar e humanista que integra tecnologias (como inteligência artificial). O texto enfatiza a necessidade de educadores adaptáveis e eticamente fundamentados que criem ambientes de aprendizagem significativos. Adicionalmente, aborda a crise de escassez docente na Venezuela, agravada pela migração e condições trabalhistas precárias, exigindo políticas para capacitar professores não-especialistas. O autor argumenta que o ensino verdadeiramente competitivo transcende conhecimento técnico, requerendo docentes reflexivos comprometidos com o desenvolvimento holístico do estudante e a transformação social. Por fim, destaca a urgência de repensar o ensino superior para formar profissionais capazes de enfrentar desafios globais complexos.

Palavras-chave: educação por competências, adaptabilidade docente, aprendizagem transdisciplinar, crise educacional (Venezuela), pedagogia crítica.

Resumen

El ensayo analiza los desafíos del profesorado al guiar aprendizajes en áreas fuera de su especialidad, destacando la necesidad de una enseñanza universitaria basada en competencias que fomente el pensamiento crítico, la autonomía y la resolución de problemas complejos. Critica los modelos tradicionales, conductistas y repetitivos, que limitan la creatividad estudiantil, y propone un enfoque transdisciplinario, humanista y ético, integrando tecnologías como la inteligencia artificial. Subraya la importancia de docentes con habilidades pedagógicas, vocación y adaptabilidad, capaces de crear entornos de aprendizaje significativo. Además, analiza la crisis de especialistas en Venezuela, exacerbada por migración docente y condiciones laborales adversas, exigiendo políticas de capacitación para suplir estas carencias. El texto concluye que la verdadera enseñanza competitiva trasciende lo técnico, requiriendo docentes reflexivos, comprometidos con la formación integral y la transformación social..

Palabras clave: Educación basada en competencias, adaptabilidad docente, aprendizaje transdisciplinario, crisis educativa (Venezuela), pedagogía crítica.

Desafios do professorado ao guiar aprendizagens competitivas em saberes distintos à sua especialidade

Atualmente, os estudantes universitários demandam um ensino competitivo que favoreça o autodescobrimento, despertar e ativação de sua identidade - incluindo suas habilidades, virtudes, talentos, capacidades, ideias, potencial e processos de pensamento desenvolvidos através de experiências de vida e acadêmicas. Eles requerem este modelo de aprendizagem competi-



tiva para identificar novas abordagens de resolução de problemas para tarefas cotidianas e para compreender desafios sociais, profissionais, políticos, econômicos e culturais.

As realidades globais, nacionais, locais e institucionais exigem agora uma educação universitária transformadora que potencialize o desenvolvimento pessoal como seres pensantes e racionais, ao mesmo tempo que prepare profissionais tecnicamente qualificados. Devemos ir além dos modelos tradicionais rumo a uma reflexão crítica sobre os processos de ensino-aprendizagem que reconheçam as competências, habilidades, talentos, aptidões e virtudes dos estudantes.

Como observa [Zhizhko \(2017\)](#), a educação universitária baseada em competências requer a integração do conhecimento com a experiência - uma tarefa complexa que demanda cuidadosa incorporação de aplicações do mundo real sem comprometer como os estudantes interpretam a realidade.

No entanto, é necessário ressaltar que existe a necessidade de promover esta metodologia porque continuam a ser observados nas salas de aula estudantes em processo de formação acadêmica, com um modelo de assessoria, acompanhamento e orientação que conduz ao desenvolvimento de um sistema de aprendizagem arcaico, behaviorista, repetitivo e improdutivo; que não ajuda a pensar mas tampouco a compreender nem resolver situações que o estudante universitário demanda, ou seja, está-se desenvolvendo um ensino discriminativo, porque limita o estudante a não produzir a partir do próprio pensamento, senão; a partir do pensamento de outras pessoas, que o isola de um saber crítico, eclético e holístico.

Neste sentido, é prioritário promover esta abordagem metodológica, dado que ainda persistem nas salas de aula modelos de assessoria e acompanhamento baseados em esquemas de aprendizagem arcaicos, behavioristas, repetitivos e improdutivos. Estes modelos não fomentam a reflexão nem a compreensão, e muito menos a resolução autônoma de problemas. Em consequência, continua-se a promover um ensino limitado e discriminativo, que inibe o estudante de produzir conhecimento a partir da sua própria perspectiva, e o submete a reproduzir o pensamento de outros, afastando-o de um saber crítico, eclético e holístico.

Em outras palavras, é necessário materializar uma educação universitária centrada em compreender o quê e como o estudante aprende, para que se consolidem como um recurso, oportunidade, ou ferramenta viva, que esteja ao serviço de todos os atores do processo educativo, e se obtenha o pleno desenvolvimento das capacidades, dons, potencialidades, habilidades, competências, virtudes de todos, e ao mesmo tempo, se promova um futuro profissional que seja competente para tomar decisões, a partir das conquistas e aspirações do próprio protagonista que busca desenvolvê-la. Desta forma, como manifesta [Lora \(2020, p. 84\)](#) as competências devem centrar-se em "o que se pode fazer, o que se sabe fazer, e o que se tem a vontade de fazer (Ser, Fazer, Saber-Fazer). Sem descuidar, o assinalado por [Rodríguez \(2003, p. 82\)](#) "estar atualizado nos temas relevantes e oferecer critérios de validação do conhecimento".

Nesta ordem de ideias, requer-se um docente universitário com qualidades competitivas e que



ensine desde a área da sua competência de formação. O ideal é que comece por manifestar-se no fazer, ser, buscar, conviver e sentir como um docente competente. Vale dizer, que promova, pratique e demonstre um ensino baseado em competências. Este chamado vem sendo feito há vários anos. Assim, [Ortega y Gasset \(1976, p. 49\)](#) dizia: "...há que ensinar somente o que se pode ensinar; isto é, o que se pode aprender...". Aqui o olhar dirige-se ao currículo e aos objetivos que se devem desenhar. Mas a questão vai mais além há que prestar atenção à condição humana e ao papel na terra pátria como afirma [Morin \(1999\)](#).

Estão a ocorrer muitos desafios mundiais em diversos temas, fenómenos e acontecimentos que, enfatiza, reclamam e exigem com urgência um ensino universitário que realmente prepare pessoas competentes que conheçam, expliquem e orientem desde a sua área e além sobre o que está a ocorrer. É necessário formar e instruir sem deixar de lado o ético, ambiental, tecnológico, científico e psicológico, mas sobretudo não perder de vista o sentido do bem comum.

É momento de que o docente universitário assuma com firmeza os desafios epistemológicos que enfrenta, comprometa-se com a sua labor formativa e desenvolva a capacidade de expressar-se com versatilidade sobre qualquer tema, de maneira segura, reflexiva, crítica e profundamente humana. A formação por competências dos futuros profissionais representa uma valiosa oportunidade para educar também em valores. Não se deve esquecer que o docente universitário é o pilar fundamental nos processos de formação, acompanhamento, assessoria, orientação e capacitação. Ensinar a ser competente não se reduz unicamente à transmissão de conteúdos ou ao cumprimento dos aspetos curriculares definidos pelo perfil acadêmico; tampouco se limita a analisar um acontecimento ou fenómeno social desde uma única perspectiva. Formar em competências exige pôr em ação a totalidade do ser humano, o que implica integrar os processos cognitivos, as emoções, a socialização e a experiência como eixos fundamentais da aprendizagem significativa.

Trata-se de uma *weltanschauung*, cosmovisão ou *worldview* estudar a realidade desde um olhar interno e externo (visível e não visível), buscar novos paradigmas, replanejar uma verdadeira compreensão e explicação do evento que atrai o interesse do estudante, lhe preocupa ou constitui um desafio para o estudante. No entanto, só se consegue se o docente universitário fizer o seu debut com agilidade, versatilidade e ecletismo curricular ou estratégias interativas como os debates, conversatórios ou discussões nas salas de aula.

Nesta perspectiva não há que descuidar as técnicas, métodos, recursos, contextos de aprendizagem, ou estratégias didáticas e as novas tecnologias como a inteligência artificial; o que implica reexaminar as teorias epistemológicas, ontológicas, axiológicas e as capacidades críticas e interpretativas de todos os interventores do processo. Enquanto mais ideias emergirem, mais se nutre o conhecimento e melhora a inteligência de todos. Há que deixar de lado essa inteligência cega que propõe Morin.

Na medida em que um docente universitário se autodiscipline e se projeta por interesse próprio a desenvolver um ensino baseado em competências, sem temer os riscos, desafios ou exigên-



cias que essa abordagem requer, a sociedade, empresas, famílias e demais instituições contarão com profissionais capazes de propor ideias, tomar iniciativas e responder a exigências individuais ou coletivas. Além disso, disporão de profissionais dinâmicos, críticos, autônomos, emancipados intelectualmente e gestores de soluções para as problemáticas de seu entorno.

Por essa razão, é necessário que o docente tenha atitudes, competências e habilidades, entre as quais se destacam, segundo [Santiago e Fonseca \(2016, p. 193\)](#), "o profissionalismo, disciplina, responsabilidade, ética, valores ou estabilidade mental e emocional". [Freire \(2004\)](#) e [Dewey \(1998\)](#) mencionam que devem ser estimuladores e críticos. Por sua vez, [Escámez \(2013, p. 17\)](#) indica que um docente competitivo busca a "criação de ambientes favoráveis à aprendizagem, onde seus alunos alcancem os mais altos níveis de desenvolvimento".

No entanto, o verdadeiro ensino competitivo não se limita a um ensino especializado ou técnico. Há muitos docentes com essa formação que enfrentam dificuldades para fazer-se entender e demonstrar seus conhecimentos, o que se deve, muitas vezes, à sua postura ou condição pessoal refletida no dia a dia. É necessária uma boa atitude, sensibilidade, pensamento crítico, vocação, pesquisa, consulta, capacidade de avaliar, experiência, análise e confronto de teorias.

Vale destacar que o ensino verdadeiramente competitivo não se restringe ao técnico ou especializado. Mesmo docentes com sólida formação em sua área podem ter dificuldades em comunicar e demonstrar efetivamente o que sabem, muitas vezes devido a atitudes pessoais ou práticas pouco reflexivas. Por isso, é indispensável cultivar uma atitude proativa, vocação autêntica, pensamento crítico e abertura ao diálogo entre teorias.

Além disso, é fundamental integrar a pesquisa constante, a avaliação formativa e a análise de contextos, como exige o enfoque por competências, para formar profissionais emancipados e capazes de resolver problemas complexos. Só assim se superará a "inteligência cega" — como alerta [Morin \(1999\)](#) — e se consolidará um aprendizado que, a partir da ética, autodisciplina e criatividade pedagógica, transforme tanto os agentes do processo quanto seus entornos.

Na medida em que essas condições forem compreendidas e valorizadas, o ensino universitário melhorará, e deixará de depender de prestígios acadêmicos que, muitas vezes, geram rejeição e isolamento escolar, pois não há sentido lógico ou reflexivo no que é ensinado nas universidades.

Um verdadeiro docente competitivo, que se desafia no ensino, reflete que, sendo especialista ou não, o mais importante para os estudantes é sua atuação, seu papel, sua função, suas contribuições, a satisfação de benefícios e a aprendizagem significativa, construtiva, humanista, crítica, eclética e holística que lhes proporciona, criando ou reformulando experiências, testemunhos e saberes articulados com sua realidade diária. Só assim compreendem que estão transcendendo de um ensino tradicional e receptivo para um enfoque baseado em competências, que permite unir o qualitativo e o quantitativo em um mesmo processo formativo, valorizando seu potencial multidimensional como pessoa, e não apenas como estudante.



É claro que essa nova postura exige do docente maior compromisso, responsabilidade, vocação, habilidades, destrezas e amor pelo que faz. Ou seja, que seja mais autodidata, inovador, engenhoso, motivador, humanista — em suma, que expresse uma epistemologia complexa, transdisciplinar e global sobre o que ensina, para que possa autoentender, descobrir e reconhecer como o aluno aprende mais eficazmente nestes tempos de mudanças universais, seja por competências ou por reprodução de ideias alheias.

Na prática, é preciso refletir para não acabar formando apenas por obrigação ou para cumprir objetivos curriculares da disciplina que leciona. O ideal é que conduza à formação de uma pessoa com grande humanismo e, depois, um profissional multidimensional, seguro, versátil, eclético e complexo, capaz de agir com autonomia e domínio próprio, sem imitar pensamentos alheios. [Rico e Ponce \(2022, p. 80\)](#) acrescentam que "docentes competentes são capazes de resolver situações diversas em diferentes contextos, para os quais o conhecimento visto apenas sob uma perspectiva conceitual ou disciplinar se mostra insuficiente".

Nesse sentido, um docente com características competitivas é aquele que, mesmo sem ser especialista em sua área, atua como tutor, acompanhante e orientador nos aspectos humano, ético, epistemológico, social, cultural, empírico, científico e técnico. Portanto, é o profissional que se expressa e age como um todo, tanto no desenvolvimento do ensino quanto na aprendizagem do aluno.

Este docente explica, faz e avalia tanto o que domina quanto o que desconhece, sem medo de errar, porque reflete que, do erro, pode surgir o desejo de buscar conhecimentos para comprovar, demonstrar a realidade ignorada e melhorar o conceito ou habilidade que lhe faltava. Pois, através de tentativas e experimentação, também se aprende e se postulam novas teorias de conhecimento que emergem do fazer, conviver e interpretar, tornando-se significativas para o produtor do saber.

Por outro lado, o importante no ensino por competências não é se o docente é especialista ou não na área acadêmica que desenvolve, tampouco se é um excelente acompanhante do processo de aprendizagem ou um tutor responsável por cumprir uma série de objetivos específicos dentro de uma disciplina curricular. O desafio fundamental reside em compreender e pensar quais ações particulares devem ser aplicadas, ativadas e impulsionadas para que o estudante desenvolva ou revele as habilidades, destrezas, capacidades, virtudes e dons que foram subutilizados em outros níveis de estudo e que devem se transformar em competências específicas para oferecer respostas contextualizadas e sentido às inquietações, dúvidas ou curiosidades que surgem no ato educativo.

No entanto, é necessário mencionar que, atualmente, no caso dos docentes especialistas do ensino básico na Venezuela, segundo o próprio [Ministerio del Poder Popular para a Educación \(2025\)](#), há um déficit de quinze mil professores. Além disso, nas universidades venezuelanas, está ocorrendo um êxodo de docentes, como indicam [Linarez e Linarez \(2019\)](#). De acordo com a [Organización de las Naciones Unidas para la Educación la Ciencia y la Cultura \(1999\)](#), há uma



fuga de cérebros. Paralelamente a isso, aumenta a atribuição de cargas horárias a docentes com diferentes perfis acadêmicos e, conseqüentemente, enfrentam-se maiores desafios, questionamentos e críticas à prática docente.

Certamente, o déficit de docentes especializados não diminuirá se continuarem as atuais condições salariais, econômicas, o tratamento e o doutrinamento educacional presentes nas universidades. Isso levará à necessidade de diversos estudos e uma revisão profunda dos profissionais que desejam permanecer no processo de ensino, para que se autoformem, conscientizem, disciplinem e alinhem a enfoques educativos que realmente satisfaçam as necessidades dos estudantes e as exigências intelectuais do mundo, sejam ou não especialistas na área que orientam.

Igualmente, é necessário que as autoridades universitárias e o Estado reflitam sobre essa problemática do déficit profissional e freiem a migração especializada ou proponham mecanismos que vão além de capacitar, assessorar e formar o docente não especializado, para que se torne competente no que ensina. Alguns estão enfrentando dificuldades para atender às exigências multidimensionais e epistemológicas dos estudantes atuais ou para continuar contribuindo e demonstrar que a qualidade acadêmica e competente obedece mais a princípios humanos do que ao cumprimento curricular de uma lista de objetivos desenvolvidos.

Há um reconhecimento e preocupação até mesmo por parte da Organização das Nações Unidas e dos órgãos competentes sobre os desafios enfrentados por um docente ao orientar e dirigir uma aprendizagem não especializada. Por isso, sob nossa perspectiva, é necessário frear a migração docente no nível universitário por meio de políticas nacionais e internacionais e implementar, massivamente, nas universidades, uma capacitação para docentes não especialistas que supra as necessidades técnicas que os estudantes em formação não estão recebendo.

Como ideias finais deste ensayo, há que salientar que se evidencia a obsolescência dos métodos tradicionais baseados em memorização, que anulam a capacidade crítica do estudante. Face a isto, exorta-se pela aplicação de um modelo por competências que integre saber, fazer e ser, articulando teoria com experiência real. Este enfoque demanda docentes que facilitem aprendizagens significativas, vinculadas a problemáticas sociais e profissionais, superando a reprodução mecânica de conhecimentos. A transição exige repensar currículos e práticas pedagógicas no sentido da autonomia e da inovação.

Conclui-se também que um docente competitivo não se limita a dominar conteúdos, mas combina profissionalismo, ética e habilidades socioemocionais para guiar aprendizagens multidimensionais. Mesmo sem especialização, deve atuar como facilitador, fomentando o diálogo interdisciplinar e adaptando-se a contextos diversos. O seu sucesso radica na vocação, auto-crítica e capacidade de aprender junto aos seus estudantes, transformando limitações em oportunidades de crescimento coletivo.

Na Venezuela, o êxodo docente e a falta de especialistas agravam os desafios educativos. Baixos



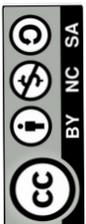
salários e condições laborais precárias desincentivam a permanência de profissionais qualificados. Urgem políticas públicas que freiem esta migração e capacitem docentes não especializados, assegurando qualidade educativa. A solução não é apenas técnica, mas estrutural, requerendo investimento em formação contínua e reconhecimento da labor docente.

O ensino moderno exige incorporar tecnologias (como IA) e estratégias interativas (debates, estudos de caso) para desenvolver habilidades analíticas. Segundo Morin, isto implica superar a "inteligência cega" mediante enfoques holísticos que vinculem conhecimento com ética e contexto global. O docente deve dominar ferramentas digitais e fomentar uma cosmovisão crítica, preparando estudantes para realidades mutáveis.

Finalmente, conclui-se que a formação competitiva deve priorizar valores como o bem comum, a empatia e a responsabilidade social. Freire e Dewey ressaltam que o docente deve ser um estimulador crítico, não um mero transmissor de informação. Isto implica equilibrar o técnico com o humano, formando profissionais que resolvam problemas desde uma perspectiva integral, ética e emancipadora, transcendendo as demandas curriculares tradicionais.

Referências

- Dewey, J. (1998). *Democracia y educación*. Ediciones Morata.
- Escámez, S. J. (2013). La excelencia en el profesor universitario. *Estudios*, 254, 11-27. <https://www.revistadepedagogia.org/rep/vol71/iss254/9/>
- Freire, P. (2004). *Pedagogía de la autonomía: Saberes necesarios para la práctica educativa*. Paz e Terra.
- Linarez, V. G. D. y Linarez, V. G. D. (2019). Éxodo del docente universitario en Venezuela. *Revista Científica*, 4(14), 141-162. <https://www.redalyc.org/journal/5636/563662154008/html/>
- Lora, G. H. S., Castilla, P. S. e Gómez, F. M. C. (2020). La gestión por competencias como estrategia para el mejoramiento de la eficiencia la eficacia organizacional. *Revista Saber, Ciencia y Libertad*, 15(1), 83 – 94. <https://doi.org/10.18041/2382-3240/saber.2020v15n1.6291>
- Ministerio del Poder Popular para la Educación. (2025). *Así incrementa el Ministerio de Educación el número de docentes especialistas*. <https://www.mppe.gob.ve/noticias/2025/05/21/asi-incrementa-el-ministerio-de-educacion-el-numero-de-docentes-especialistas/#:~:text=Así%20incrementa%20el%20Ministerio%20de%20Educación%20el%20número%20de%20docentes%20especialistas&text=El%20sistema%20educativo%20venezolano%20presentaba,ministro%20del%20área%2C%20Héctor%20Rodríguez.>
- Morin, E. (1999). *Los siete saberes necesarios para la educación del futuro*. Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura.



- Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura. (1999). *Fuga de cerebros, movilidad académica, redes científicas*. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000186433>
- Ortega y G. J. (1976). *Misión de la universidad y otros ensayos afines*. Ediciones de la Revista de Occidente.
- Rico, G. M. e Ponce, G. A. I. (2022). El docente del siglo XXI: Perspectivas según el rol formativo y profesional. *Revista Mexicana Investigación Educativa*, 27(92), 77-101, 2022.
- Rodríguez, E. S. (2003). Nuevos retos y enfoques en la formación del profesorado universitario. *Revista de Educación*, 331, 67-99. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=670568>
- Santiago, G. R. e Fonseca, B. C. D. (2016). *Ser un buen profesor. Una mirada desde dentro*. EDETANIA, 50, 191-208. <https://revistas.ucv.es/edetania/index.php/Edetania/article/view/27/26>
- Zhizhko, E (2017). *Competencias en la educación profesional: una contribución a su estudio*. Universidad Autónoma de Zacatecas. <ile:///C:/Users/Carmen/Downloads/Dialnet-CompetenciasEnLaEducacionProfesional-6475486.pdf>.

